

# JORNAL DO COMMERCIO

PROPRIEDADE DE JOSÉ DA SILVA CASCAES

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

ASSIGNATURA (CAPITAL)  
Por anno..... 4\$000  
Por seis mezes..... 2\$000

Avulso 40 rs.

ASSIGNATURA (PELO CORREIO)  
Por anno..... 5\$000  
Por seis mezes..... 3\$000

ANNO I

SANTA CATHARINA—Desterro, 14 de Julho de 1880

Num. 22

## JORNAL DO COMMERCIO

Desterro, 14 de Julho de 1880.

Chegou hontem de Montevideo o paquete *Rio de Janeiro*, com datas até 7 do corrente.

Os telegrammas recebidos de Buenos-Ayres dão a paz como um facto consummado, tendo-se licenciado quasi todas as forças da defeza depois de abonar-se um pret extraordinario de 20 pezos fortes a cada soldado e 40 aos officiaes por gratificação e como despedida.

Trabalhava-se na demolição das fortificações e no reparo dos damnos causados por ellas.

As vias ferreas trabalhavão já regularmente. O general Mitre renunciou o commando em chefe das forças. O desarmamento das tropas se effectuou em ordem.

O presidente Avellaneda só entraria na cidade a 9, em cujo dia se celebraria o anniversario da Independencia com grande *Te-Deum* e parada militar.

O poder Executivo enviou uma mensagem ao senado pedindo o grau de general de mi-

licias para os coroneis Arias Campos, Moraes. Gamendi e Lagos.

O commercio começara já nas suas transacções.

As demais noticias são todas com referencia a este feliz resultado da conclusão da guerra intestina, medidas para consolidação do governo, e sem maior interesse para os nossos leitores.

## GAZETILHA

**Roubo do Banco.**—Diz o *Conservador*, de Porto Alegre:

Publicamos hoje um annuncio em que a directoria daquelle estabelecimento «no empenho de obter a maior somma de probabilidades que facilitem a descoberta de tal crime, appella para o concurso de todos, offerecendo a pessoa que puder ministrar-lhe indicações exactas sobre os criminosos e o dinheiro roubado, o premio de vinte contos de réis, quando o queira receber».

Achamos acertada a providencia que vem de tomar a directoria do Banco da Provincia, com a qual talvez se faça a luz neste acontecimento, tão mysterioso pelas circunstancias que o revestiram.

**Roubo de uma criança.**—A Sra. Servant, moradora da aldêa de Neully, proximo de Pariz, foi uma tarde ao mercado de Sablonville, levando seu filho pela mão.

Fez algumas compras, que collocou em um cesto, e, como o peso a obrigasse a leval-o agarrado com ambas as mãos, deixou solto o pequenito, que continuou andando atraz de sua mãe, até que, voltando-se ella para o vér, notou a sua falta.

Quanto fez para o encontrar foi em balde; percorreu o mercado e seus arredores, deu parte à policia, revolveu-se céu e terra, tudo inutilmente.

Por fim, a mãe renunciou a seu filho, cada vez mais convencida que a criança tinha sido roubada, porque, tendo-se perdido, o desaparecimento poucas horas duraria.

Passou-se tempo, e convalescente a Sra. Servant de uma enfermidade ocasionada por tão terrivel desgraça, foi uma tarde passeiar ao parque Monceauv, jardim continuamente animado, mais ainda que pelo canto das aves, pelos gritos alegres das crianças do bairro; e triste e pensativa se retirava já quando ao fim de uma alameda julgou ouvir uma voz, que lhe despertou na alma recordações de alegrias perdidas.

Dirigio-se para aquelle sitio, attentou nas crianças que tinha à roda de si, e tranquillo,

## FOLHETIM

22

CHARLES DESLYS

### O JURAMENTO DE MAGDALENA

IX

#### Em que Magdalena se põe em campo

—Malvados! covardes!... Todos contra ella!... todos contra mim!... Pobre irmã!... Ah! eu defendi-a!... E hei de defende-la sempre! que venham para cá, e verão!...

E o digno mocinho endireitava-se, escrepava-se como um gallo. Atravez da blusa e da camisa em farrapos via-se-lhe arfar o coração. Os seus olhos deitavam chispas.

A colera de Barnabé, que chegava n'esse momento, foi mais explicita.

—Bravo, Pedrinho! exclamou elle, és um valente!... Somos dois heroes! Mas era tempo de vir em teu soccorro! Deixa-os lá, que

levaram uma boa tarefa, os trahentes! Zás! Traz! Foi tabefe de crear bicho. Não tinha mãos a medir. Que os paes me dêem outra dose, é o mesmo!... Ao menos desforrei-me.

Magdalena e João não cessaram de interrogal-o. Apezar das reticencias de Barnabé, não foi difficil comprehender, que havia já dias, que o rapazio humilhava e atormentava os dois pequenos com o fim manifesto de os bannir da escola. Contra o Pedrinho não se tinham atrevido em demazia, visto como elle se fizera temer. Mas as raparigas, mais crueis ainda do que os rapazes, tinham escolhido Joanna para sua victima. A sahida saltaram sobre ella. O irmão corre. Intervem todos os outros garotos, e eis travada a peleja!

—Mas, afinal, que fizeram os meus filhos? repetia o pae. Que fizeram? D'onde vem esta animosidade? Porque razão este odio?

A cada uma d'estas interrogações, a Joanninha ou o Pedrinho voltavam para o Barnabé, supplicando-lhe com o olhar que não respondesse:

Responderam porém os proprios rapazes, que, tendo-se espalhado pelo campo, passavam n'esse momento pelo detraz da casa do operario. Por entre o seu clamor distinguia-se os seguintes gritos:

Morra o filho do assassino! morra a filha do ladrão!

João Mathias levou ambas as mãos ao peito, como se acabasse de receber um golpe terrivel.

Pallido como um defunto, cambaleou e cahiu sobre uma cadeira exclamando n'um soluçar do desesperado:

—Nem elles! nem os meus queridos filhos poupam! Mas porque me não cortaram antes a cabeça! Ao menos estas creanças seriam talvez respeitadas! Talvez tivessem compaixão d'ellas.

Os pequeninos lançaram-se nos braços do pae, e todos tres confundiram as suas lagrimas.

A mãe, de pé, com os olhos erGUIDOS ao céu murmurava:

—Justo Deus! vinde em meu soccorro! Illuminae-me! Uma prova! um indicio! um lampejo!

Ao tempo chegaram o professor e o mairé a protestar contra aquella perseguição brutal, affir-

mando que iam pôr cõbro a ella e que semelhantes escandalos não tornariam a repetir-se. João Mathias abanava a cabeça com amargura incredulidade. A sua derradeira illusão era morta.

Não obstante, operou-se uma reacção em seu favor. O cura, o juiz de paz, o professor, os conselheiros municipaes, os gendarmes, todos aquelles, enfim, que tinham uma certa elevação de espirito e equidade de coração mancomunaram-se para lhes testemunhar o seu respeito. Mas a massa ignorante, estúpida e má, azedou-se, excitou-se ainda mais. Como sempre, os que de mais indulgencia careciam para si mesmos foram os que menos indulgentes se mostraram. O populacho em peso desencadeou o seu odio contra a familia Mathias. Indignava-os a protecção que lhe dispensavam as pessoas de bem. Estavam furiosos.

As injurias e ameaças deram azo a uma condemnação em policia correccional. Tomaram então medo e serenaram, mas sómente na apparencia. A hostilidade tornou-se surda, implacavel. Eram ditos, olhares, sorrisos, mil pica-

risonho, traquinó, entretido a fazer covas em um monte de areia. viu seu filho.

A pobre mãe cuidou que podia levá-lo no mesmo instante, e pegando-lhe pela mão, pensando pela primeira vez que beijá-lo era perder tempo, tomou-o nos braços e foi-se andando.

A criada que estava ali próximo, deixando que um sargento estudasse tactica nas linhas da sua cintura, notou o que succedia, e correndo atraz da ditosa mãe, tratou de obstar ao que da melhor fé chamava roubo; houve gritos e gritos, acudirão os agentes municipaes, e a mãe, a criança e a criada forão levadas á presença de um commissario, convertido quasi em um rei Salomão.

Chamada a patrão, em cuja casa servia a criada, jurou e sustentou que aquelle filho era seu, chamando sequestradora ou douda á outra pobre mulher, e assim terião estado até sobre Deus quando, se o funcionario não determinasse que o menino só seria entregue a quem demonstrasse verdadeira e positivamente ser sua mãe.

O inquerito e investigações feitas para esse fim não terminarão ainda; mas a julgar pelo que se averiguou até agora, parece fóra de duvida o seguinte:

A senhora que hoje se julga mãe do menino, tinha um filho dado a criar no campo e confiado a uma ama, que por falta de cuidado, foi provavelmente causadora da sua morte: temendo então as consequencias da sua punível incuria, roubou uma criança: a victima desse crime foi a Sra. Servant, e disto resultou que uma mãe se via de posse de um filho que não era seu perdendo outra mãe o que tinha.

O triste do caso é que, de qualquer modo que haja de resolver-se a questão, sempre haverá uma mãe despojada do filho.

Se o amor fosse filho do sangue, desfaito o erro, a actual possuidora do pequeno ficaria tranquillá; mas, se o amor é a consequencia do que por outro ente se gosa e se padece, essa pobre mulher que esquecerá nunca as noites passadas á cabeceira do berço e as manhãs em que se inaugurava o dia com uma musica de beijos.

das de alfinete que sem cessar rasgavam a ferida sempre viva no coração do desditoso operario.

O pobre Mathias chegou a ter saudades da cadeia. Os symptomas da doença que o tivera á beira da sepultura, manifestaram-se novamente. Perdeu as forças, o somno, a vontade de comer. Tinha alcançado trabalho, mas dentro em breve não poderia trabalhar talvez. Era mais um desgosto.

Magdalena comprehendia que só uma rehabilitação completa, estrondosa, lograria curar e salvar o desgraçado. Era esse o seu pesar de cada hora, de cada instante. Apesar do resultado negativo das suas investigações não descançava, não descorçoava.

Dez mezes eram volvidos que tinham voltado á terra, dez mezes que Anselmo fóra morto. Onde se occultava o assassino? Um dia, Magdalena foi procurar o maire, e perguntou-lhe se alguém se tinha ausentado da terra. Ninguém se tinha ausentado. A infeliz dava tratos á imaginação a ver se descobria o rastro do dinheiro roubado. Nem um só habitante do

burgo tinha augmentado a despeza; nenhuma aquisição suspeita se tinha realisado nos arredores.

Debalde interrogava as suas menores impressões, as suas mais remotas reminiscencias. Corria todos os mercados, e nas praças; nas estalagens, prescrutava com o olhar todas as caras, não perdia uma unica palavra de todas as conversações.

Mas nada! absolutamente nada! A saude começou a alterar-se-lhe. As idéas fixas produzem uma especie de allucinação; Magdalena recebeu ficar doida. De facto, mais de uma alma perversa a tinha dado como tal, chegando, por escarneo, e sugerir-lhe falsas suspeitas. Chegara-lhe tambem a vez de perder o somno, e, quando o marido, por acaso, succumbia a elle, se a noite era escura, levantava-se muito de mansinho, deitava um chale pelos hombros e lá se ia á descoberta, rodeando os casaes, sondando com o olhar as portas e as paredes e dizendo de si para consigo.

— Se fosse ali!..., Quem sabe se será ali!

Se encontrava uma cruz, ou

**Assalto ás recebedorias da fronteira.**—Lemos no *Diario do Rio Grande*:

Consta que um homem, de inteira fé, ha poucos momentos chegado da campanha, noticia que o caudilho oriental Nico Coronel, á frente de alguns homens armados desrespeitara as autoridades constituidas da república e lancara-se sobre as immedições das nossas fronteiras.

Attribue-se-lhe o plano deas saltar as nossas recebedorias, com o fim de saqueal-as.

As autoridades militares estão prevenidas, e é portanto para suppór que Nico não consiga a salvamento a execuçao de seu audacioso plano.

**Relatorio.**—Pela secretaria da presidencia fomos obsequiados com um exemplar do Relatorio, com que o exm. sr. dr. Antonio de Almeida Oliveira, passou a administração da provincia ao exm. sr. coronel Manoel Pinte de Lemos, na qualidade de 1º vice-presidente.

Agradecemos.

**Medico excentrico.**—Falleceu no Porto, victimado pelos soffrimentos phisicos que ha muito o affligiao, o dr. Brillhante medico distincto, que seguia o systema homeopathico.

Brilhante era sectario firmissimo da allopathia e converteu-se á escola de Hahnemann pelo seguinte modo: Tratava um doente, e não vendo meio de o salvar, declara isto á familia. Esta pediu-lhe licença para consultar um homeopathia e o favor de conferenciar com elle.

O Dr. Brillhante annuo. O escolhido foi o Dr. Afonseca, já fallecido. O Dr. Afonseca examinou o enfermo e declarou que o poria bem em 15 dias. Brillhante sorriu com desdém á affirmativa do collega e declarou que, se o milagre se operasse, seguiria o systema homeopathico. Ao cabo de 15 dias o doente estava salvo e o Dr. Brillhante cumprio a promessa. Encerrou-se seis mezes a estudar, e ao cabo d'elles, abre o consultorio homeopathico, e agora era considerado o primeiro clinico d'este systema.

O Dr. Brillhante era homem tão estudioso quanto excentrico. Era honradissimo. Chamavão-lhe doudo porque dizia o que sentia, francamente, lealmente, e criou assim muitos inimigos. Oriundo de obscuro meio, erigiu-se pelo trabalho, e conseguiu accumular uma fortuna superior a 50:000\$, que legou á sua governante e á instituções benemeritas. Determinou que sobre a sua sepultura se esculpisse esta inscripção:

Aqui jaz  
Antonio Maria dos Santos Brillhante  
Que não foi nada  
Nem mesmo academico

Institue um legado, com o capital de um seguro de vidas, para subsidiar estudantes pobres na razão de 25\$000 mensaes, determinando que os subsidiados declarassem nos recibos, que os havia assignado de chapéo na cabeça, *para os isentar* da humilhação da esmolla.

A sua falta foi muito sentida, porque Santos Brillhante era estimado de toda gente.

**Para as senhoras.**—Eis uma indicação para a conservação do tomate:

« Tomão-se tomates maduros, e de tamanho regular, collocão-se com cuidado em um vaso de bocca larga, de vidro, louça ou barro, enche-se com elles até 4 ou 5 centímetros abaixo da bocca, bota-se depois a agoa no qual dissolve-se sal de cosinha, até a saturação.

Feito o que comprime-se os tomates para accamall-os, cobre-se hermeticamente o vaso. Neste estado o tomate conserva por muitos annos, a forma, gosto e sabor, sendo apenas necessario quando se uzar d'elles, lançal-os em agoa pura para perderem o sal.

**Cura da solitaria.**—Pessoa de conceito enviou-nos a receita que segue:

Receita contra a solitaria e qualquer deposito inflammatorio — duas onças de mastruz ou mentrus em rama, verde, pilada em almofariz, junta-se uma chicara de agoardente, cõa-se e põe-se em garrafas com 1 quartilho de agoardente.

Tomese um calix pela manhã e outro a noite, por espaço de 5 dias, e findo esse

X

**Justino**

— Isso são contos largos, — tinha dito Barnabé quando o interroguei acerca da partida de Justino.

Os leitores estão lembrados da longa doença d'aquella que lhe tinha dado o ser, e como Magdalena, consoante os desejos da moribunda, veio a ser sua segunda mãe.

Justino era uma creança de rara intelligencia e de um caracter aventureoso, resolutivo. Ainda não tinha doze annos feitos quando fixou por modo irrevogavel a escolha da carreira que queria seguir. Hei de ser soldado! dizia elle.

Um velho official reformado, cuja modesta morada se elevava a alguns tiros de espingarda de Vittel, concorreu para fortalecer esta vocação.

Jacques Lambert, filho de um campones dos Vosges, tinha conquistado todos os seus postos á ponta da bayoneta e mais tarde da espada, nos campos de batalha.

uma capella, cahia de joelhos exclamando:

— Virgem sancta! doce Jesus! tende piedade de nós! Illuminae-me, encaminhae-me. O meu pobre João morre!

Ai! a sua voz perdia-se nas trevas, e nada lhe respondia a não serem os cães vagabundos como ella.

João Mathias tinha a consciencia d'esta situação. Uma noite, tendo acordado na ausencia da esposa, disse-lhe quando ella voltou:

— Pobre mulher! não te atormentes d'esse modo... Não procures mais, estamos condemnados sem remissão!

E, lembrando-se do filho mais velho que estava com o regimento nas colonias, e que provavelmente ainda ignorava tudo, murmurou:

— Ainda bem que o Justino anda longe! Esse, ao menos, está exempto da nossa desgraça.

Dias depois chegava a Vittel e tenente Justino Mathias.

tempo tome-se um purgante de sal amargo.

Repita-se a mesma dose e no fim de 8 dias é expulsa a solitaria. O mesmo acontece a qualquer deposito, finda a garrafa.

**Arribado.**—Le-se no *Progresso* de hontem:

« Arribou hontem á tarde ao porto desta cidade o patacho nacional *Maria José*. Este navio, de 217 toneladas e 10 pessoas de equipagem, com carregamento de assucar, dirigia-se ao Rio Grande do Sul, de cuja barra arribou desarvorado em consequencia de temporal que ali apanhou no dia 25.

E commandado pelo sr. José Pereira d'Azevedo.

×

Hoje ás 11 horas da manhã deve ter logar uma vistoria no casco, apparelho e carregamento do patacho nacional *Maria José*, entrado arribado ante-hontem em nosso porto, por força maior.

×

A conhecida e excellente companhia equestre e gymnastica dirigida pelo sr. Candido Ferraz acha-se em Cuiabá, capital da provincia de Matto-Grosso, onde tem sido entusiasticamente applaudida.

**Movimento do Porto**

ENTRADAS

Dia 12

De Pernambuco para o Rio-Grande do Sul (arribado) com 16 dias de viagem patacho nacional *Maria José*. Capitão José Pereira de Azevedo. Carga assucar. Este navio chegando no dia 27 do mez passado á barra do Rio-Grande, e não podendo entrar, fez-se ao mar; e em consequencia de temporal que apanhou, aqui entrou.

De Itajahy hiate *Amizade*, m. João Viégas de Amorim, c. arroz.

Dia 13.

Do Rio-Grande e Montevideo, vapor nacional *Rio de Janeiro*. Commandante 1º tenente Seixas. Passageiros: Elizio Queiroz. Em transitio 36 de diversas nacionalidades e 20 aprendizes marinhaes.

**VARIEDADE**

**Conversão de um avaro**

(Continuação)

Veio mais uma semana, depois outra e mais outra. O amor trouxe algumas despezas nunca usadas. Come sentio que a avareza afrouxava um pouco as redeas; ou por outra não sentio nada, porque nada podia sentir; foi alongando os cordões á bolsa.

A idéa do casamento afferrou-se-lhe devéras. Era grave, era um abysmo que elle abrio deante de si. As vezes assustava; outras vezes fechava elle os olhos disposto a mergulhar nas trevas.

Um dia, Rufina ouviu ao colchoeiro o pedido em regra, ainda que timidamente formulado. Ouvio-o, fechou á cabeça nas mãos e recusou.

—Recusa-me? clamou o infeliz aturdido.

—Recuso, disse firmemente a viuva Gil Gomes não contava com a resposta; insistio, rogou, mas a viuva não parecia ceder.

—Mas porque recusa? perguntou. Não gosta de mim?

—Oh! interrompeu ella apertando-lhe as mãos.

—Não é livre?

—Sou.

—Não comprehendo, explique-se.

A viuva não respondeu logo; foi d'ali a um sophá e metteu a cabeça nas mãos, durante cinco minutos. Vista assim era talvez mais bella. Estava meia reclinada, offegante, com alguma desordem nos cabellos.

—Que é? que tem? perguntou Gil Gomes com uma ternura que ninguem era capaz de suppor-lhe. Vamos lá; confie-me tudo, se alguma cousa ha porque eu não comprehendo...

—Amo-o muito, disse Rufina erguendo para elle um par de olhos bellos como duas estrellas; amo-o muito e muito. Mas vacillo em casar.

—Disserão-lhe de mim alguma cousa?

—Não mas tremo do casamento.

—Porque? Foi infeliz com o primeiro?

—Fui muito feliz e por isso mesmo receio que seja infeliz agora. Parece-me que o céo me castigará se eu casar segunda vez, porque nenhuma mulher foi ainda tão amada como eu fui. Oh! se soubesse que amor me teve meu marido! Que paixão! que delirio! Vivía para fazer-me feliz. Perdi-o; casar com outro é esquecel-o...

Tornou a cobrir o rosto com as mãos em quanto o colchoeiro ferido por aquelle novo dardo, jurava seu deus que havia de casar com ella ou o mundo viria abaixo.

A luta durou tres dias, tres longos e tirados dias. Gil Gomes não cuidou de outra cousa durante o combate; mal abrio os livros da casa; talvez chegou a não afagar um freguez. Peior que tudo chegou a offerecer um camarote de theatro á viuva. Um camarote! Que decadencia!

Não podia ir longe a luta e não foi. No quarto dia recebeu elle uma rosposta decisiva, um sim escripto em papel bordado. Respirou; beijou o papel; correu á casa de Rufina. Ella esperava-o anciosa. Suas mãos tocavão-se, um osculo confirmou o escripto.

Desde aquelle dia até o do casamento foi um turbilhão em que o pobre colchoeiro viveu. Não via nada: quasi não sabia contar; estava cego e tonto. De quando em quando um movimento instinctivo parecia fazel-o mudar de caminho, mas era rapido. Assim, á idéa d'elle era que o casamento não tivesse apparato; mas José Borges combateu essa idéa como indigna dos noivos.

—Demais é bom que todos o invejem.

—Que tem isso.

—Quando verem passar o prestito todos dirão: Que maganão! que casamento! Rico e feliz!

—Rico... isto é... interrompeu Gil Gomes cedendo ao costume antigo.

(Continúa)

**Gigi**

*Doce filha da languida tristeza*

C. DE ABREU.

I

Gigi era pallida e triste. Pallida como o reflexo das estrellas feridas pela luz da aurora, triste como a flor pendida na haste sem seiva.

E vivia na alta sociedade rodeada de adoradores e prazeres.

Mas ella era sempre pallida e triste.

A's vezes sorria a custo, e o sorriso morno, morrendo-lhe nos labios descorados, parecia um desengano compungente, ou uma recordação dolorosa.

O seu olhar languido era velado por cilios grandes e negros.

Os seus cabellos eram pretos e bastos, a

sua tez clara e a sua estatura regular e esbelta.

A sua falla era doce e branda, e bem poucas vezes se lhe ouvia fallar.

Gigi era antes um anjo de docilidade e innocencia.

Era concentrada, mas todas amavam-n'a.

Porque!

Porque Gigi era pallida e triste.

II

Um dia foi achal-a chorando a desfolhar uma dhalia no jardim.

—Porque chora?—perguntei-lhe. Gigi não me respondeu.

Limpava uma a uma lagrymas que lhe brilhavão nos olhos e soluçava sentada no banco de pedra.

—Mas porque chora, Gigi?

Ella olhou-me terna mas indifferentemente e eu baixei os olhos humedecidos.

Cahia a tarde.

*Saudade*, a sua estimada cachorrinha, viéra sentar-se junto della e lambia-lhe as mãos.

Mas Gigi continuava a chorar caladamente.

—Mas, por Deus, diga-me, porque chora?!

Ella limpou a ultima lagryma e me disse:

—E que lhe importa!...

Fiquei paralisado, e disfarçadamente retirei-me.

Ella ficou desfolhando outra dhalia, e talvez chorando.

III

A noite era fria e chuvosa.

Na sala Gigi tocava ao piano a *Traviata*. E eu lia o *Eurico*.

Aquellas notas compassadas e aquella harmonia branda e suave, revestida de um sentimentalismo intimo, fizerão com que eu cerrasse vagamente os olhos e pairasse a imaginação pelo céo pomposo de Italia.

Gigi parou de tocar.

La pedir-lhe a repetição, mas ella principiou o *Trovador*.

*Non te scordar di me.*

A sua voz macia e harmoniosa infiltrava-se-me n'alma agradavelmente.

Quando parou enxugou os olhos com o lenço que passou sobre o piano.

Chorava.

Cheguei-me a ella pé ante pé e segredei-lhe:

—Porque chora ainda?

Gigi virou-se bruscamemnte para mim.

Não me houvera presente, por isso:

—E o sr. o que faz aqui? disse.

—Escutava-a. Mas porque chora, digame!..

—Choro—disse-me ella afinal—por que sou triste, e sou triste porque choro...

—Não lhe comprehendo...

—Pois explico-me, já que se mostra tão interessado por mim: choro sem que haja motivo para isso, só porque sou triste...

—Mas porque é triste?

Ella encolheu tristemente os hombros e suspirou:

—Não sei!

Depois:

—Porque soffro de melancholia, talvez...

—Não me satisfaz a explicação... hade haver outro motivo...

—Não me cré?!

—Creio-lhe, sim; mas quem frequenta esses bailes sumptuosos, essa sociedade aristocratica, esse mundo dourado, sendo-se bella como é, não pode ser triste, a não ser que uma cousa que não se pode dominar arrêde de si toda alegria, essa couza pode ser um amor immenso, uma paixão ardente...

—Não, juro-lhe! Essas felicidades, esse ruído, essa animação, tudo isso me enfastia, me aborrece. Ah! como eu amaria o campo, uma casinha modesta n'um valle risonho e solitario?! Que vida seria!...

E os seus olhos fitarão-se sobre o pello alvo da sua dedicada *Saudade*.

## IV

Um dia Gigi chamou-me.

Era pela manhã.

—Olhe-me, disse ella, esta noite tive um sonho...

—Agradavel?

Os olhos dellas fitarão-se no céu.

—Sonhei—continuou—que vivia no campo, feliz alegre; ouvia aos domingos o repinico festivo do campanario da aldêa convidando á missa e á noite ouvia o ecoar das rãs na lagoa dormente.

E eu amava aquella vida assim.

O cemiterio era calado e pobre; e eu visitava-o a miudo, entrelaçava grinaldas para as sepulturas e eu era tão feliz assim!...

E a sua formosa cabecinha pendeu para o hombro.

Oh! como era bella assim pallida e triste!

—Não sei porque, mas diz-me o coração que hei de viver fóra da cidade.. e que até morrerei na aldêa...

Era um genio!

Quando todas buscavam os prazeres ella sonha o tumulo!

## V

Era no verão.

Gigi e sua mãe havião ido passal-o no campo, n'um *chalet*, como sonhou a imaginação de Gigi.

Fui encontral-a feliz, correndo no prado, ás vezes colhendo flores, ás vezes correndo atraz de sua *Saudade*.

Um dia ergueu-se triste e adoeceu.

— Que tem?

— Tenho saudade dos bailes e das festas da cidade, mas amo o campo e as flores.

Depois peiorou.

Sua mãe chorava tanto!

E eu tambem, coitada!

Pobre Gigi!

Hoje no cemiterio da aldêa ella dorme á sombra d'um cypriste que balouça tristemente ao sopro da ventania.

A pobre *Saudade* morreu chorando sobre sua sepultura.

Pobre Gigi! Quem diria!

Por isso ella era pallida e triste!

Itajahy.

I. B.

### Logogripho (por letras)

Aos SRS. S. JOÃO E WAN DORT.

Da ilha de Delos um rei	15,11,2,7
E tambem deusa abundante	5,3,11,7,3,15
Aqui encontrarão uma cidade	12,2,1
Que abandonada foi pelo amante.	4,2,4,7.
Sou nome d'um pastor	8,7,3,7
E tambem d'um rio	10,6,15,11
Da China grande cidade	9,7,13,2,9,1,15,3
E abriga-nos do frio	1,10,3,11,7.
Da Africa uma arvore	14,5,7,14,5,14
E tambem um animal	14,5,12,13,14,5,12,5
Da China um rio	9,7,15,2,9,7
E de Roma este general	7,2,7

#### CONCEITO

Fação bem as combinações  
Sem que falte um só til  
Que meu todo reunido  
E' uma cidade do Brazil.

(VAMBA.)

## ANNUNCIOS



### Opodeldoc de guaco

#### E EUCALIPTUS

Para a cura do **Rheumatismo agudo ou chronico, dores nevralgicas, etc.**

Preparado pelo *pharmaceutico*

#### EUPHRASIO CUNHA

54 RUA DO PRINCIPE 54  
DESTERRO

### INJECCÃO SECCATIVA

CURA EM CINCO DIAS SEM DOR

NEM RECOLHIMENTO

**Gonorrhéas** chronicas ou recentes, **Flores brancas**, etc.

Preparada pelo *pharmaceutico*

#### EUPHRASIO CUNHA

PHARMACIA

54 Rua do Principe 54

### XAROPE

DE

#### GUACO E EUCALIPTUS

CURA:

**Bronchites, tosses, resfriados, defluxos, constipações, coqueluche, etc.**

Toma-se *uma colher de duas em duas horas*

Preparado pelo *pharmaceutico*

#### EUPHRASIO CUNHA

54 Rua do Principe 54

## A. FOURNY

44, Rua d'Amsterdam, 44  
PARIZ

Compras em Comissão de todos os Artigos francezes  
MEDIANTE FIANÇA EM BANCO OU DE OUTRO MODO

PREÇO 5 %

TODAS AS DESPEZAS Á CUSTA DO PEDINTE

A Casa obriga-se absolutamente a fazer todos os descontos até mesmo os descontos de dinheiro á vista a favor dos seus freguezes.

## LOJA DE ROUPA FEITA

20 RUA DO PRINCIPE 20

### CARLOS AUGUSTO GRUNER

acaba de receber grande sortimento de roupas feitas, e gravatas, vindas directamente da Europa.

## ATENÇÃO

O negocio de madeiras do Roberto, á rua de João Pinto esquina da rua da Lapa, está muito sortido de linhotes de todo o comprimento, pernas de serra de 18, 20, 22, 23, e 25 palmos, taboas de costadinho, soalho e ferro; de peroba, canellinha, caxeta, caxeta propria para portas de dentro; pranchões, barrotes e ripas; tijolos, telhas, e cal, de S. Francisco; tudo por preço razoavel.

### NO ARMAZEM DE MADEIRAS

A' RUA DE JOÃO PINTO N. 20

Vende-se madeiras de todas as qualidades, cal, tijollos e telhas, por preços muito razoaveis, experimentem os compradores, que acharão grande vantagem.

## VINHO MEYNET

DE

EXTRACTO DE FIGADO DE BACALHÃO

Approvado pela Academia de Medicina de Paris e pela Junta de Saude de S. Petersburgo

É mais activo e mais effcaz do que o oleo. Uma unica colher do **Vinho de Meynet** equivale á duas colheres do melhor oleo. Evitar as imitações numerosas posteriores á Invenção Meynet. Podem ellas ser mais agradaveis ao paladar, porém não são um producto de formação natural, recompensado como soe o nosso, em todas as Exposições Universaes.

### DEPOSITO GERAL EM PARIS

FOURNY, 44 RUA DE AMSTERDAM

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias

Nas mesmas boticas, achão-se os **Confeitos Meynet** D'EXTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO.

## A FABRICA HYDRAULICA EM S. MIGUEL

tem seu deposito á rua Augusta n. 27, onde recebe encomendas de qualquer quantidade de arroz precisa, para dia determinado.

No mesmo deposito, vende-se

**FARELLO SUPERIOR**

**A 800 RS. O SACCO**

Typ. Commercial, rua de João Pinto—1880.